

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO IV—Número 1.251
Domingo, 24 de Dezembro de 1922
PREÇO—10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: Taltaba-Lisboa-Telefones 5339-0
Officina de impressão—Rua da Alameda, 114 e 113

Trabalhadores!

A BATALHA para ter assegurada a sua publicação necessita, além da sua imperiosa difusão e propaganda um grande auxílio monetário!

A propaganda «tradicionalista»

adapta-se à índole e conveniências dos católicos capitalistas

Por todo o país, as aves agorrenas da reacção esvoaçam as azas da imposição religiosa. Pretendem que todos os portugueses, à viva força, se alicercessem no dogma e se enraizem na fé indiscutível bases em que assenta o opulento edifício da Igreja. Sobre tudo o que de sejam, com todas as frestências da sua alma, é o respeito absoluto pelo tradicionalismo, essa imobilidade cadavérica tam bem descritos pelo timoteísmo sincero.

O tradicionalismo que tam intransigentemente vem sendo defendido, inclusive por alguns livre-pensadores, que apenas são «retóricos doces, de plastrons pretenciosos e de cérebros escarvados», como dizia o outro — nada mais representa do que a antítese da evolução humana, o atermoramento obrigatório às crendices dos nossos antepassados, às doutrinas dos nossos progenitores, as quais devemos acatar sem a mínima objecção de análise. E o retorno ao martirológico historiado por Edgar Quinet e estereotipado nas Prédicas de Silvío Pellico, o encarceramento de Torquato Tasso, a tortura de Galileu, o apunhalamento de Paulo Sarpi, o arrancamento da língua a Lucilio Vani, a fogueira que queimou Etienne Dolet e Giordano Bruno, as monogâmicas mananças, superior e beatificamente dirigidas por S. Domingos, em várias cidades francesas, alagadas em sangue e iluminadas pelo incenso...

O tradicionalismo, esse charco de estagnação onde exigem que chafurdemos todos, é também a apologia franca do «asntem» que excomungou o Testamento de João Meslier o simpático e ativo cura de Etrepigny, que morreu «pedindo perdão às suas cvelhas de lhe ter ensinado a mentira cristã» e que, tendo-se tornado steu e materialista como Hobbes e crítico social como La Bruyère, prôxio a revolta do povo contra os seus opressores religiosos, políticos e sociais, única salvação que poderia adquirir, baseada na proclamação do comunismo, «andando todos igualmente bem vestidos, sedo todos igualmente bem alojados e dormidos, igualmente bem calçados, mas aplicando-se também todos à tarefa, isto é, ao trabalho, ou qualquer outro honesto e útil emprego, cada um segundo a sua

profissão ou conforme o que fôsse mais necessário ou mais conveniente fazer». Este tradicionalismo mesliariano não convém, por forma alguma, aos falsos apóstolos da doutrina cristã, sciência, a arte, a história, a literatura a poesia e a moral, simples e exclusivamente aos livros indicados pela dogmática e ritual consagração do Index... A tradição que mais se adapta à índole e conveniências dos católicos capitalistas é aquela que permite um «pequeno Deus cor de rosa e com os olhos de esmalte»; um Jesus de papelão e um Eterno de cera, para o passearem, cantarem, entoarem-lhe psalmos e fazerem-no brilhar, «mas caminhando pausadamente, com receio de que um encontro, sacudindo o altar, faça o altíssimo em pedacos» — na opinião douta e leal do imorredouro Vitor Hugo...

É aquela que de chuveiros de pérolas, rubis, safiras, ouro, damascos, veludos, sedas, esplendores riquíssimos para fascinar as multidões ignorantes que devem permanecer fieis e confiantes na série de felicidades que lhes prometem, mas só para depois da morte... Que eles, os opulentos da Igreja, preferem o ouro da terra à deslumbrante claridade do céu, que tem por moradores a infinidade de astros rebulhantes...

Estamos na nossa hora de sinceridade, e por isso estranhamos também sinceramente que os tradicionalistas religiosos não sigam então a genuína tradição do seu Cristo, que nasceu numa despretensão numa cavalaria e em cima de um feixe de palha, para, mais tarde, declarar que não veio trazer a paz mas a espada, certamente aquela espada da justiça que depois os seus ministros, perdendo-a na adulteração dos factos e na perversão dos institutos, a substituíram pelo crucifixo transformado em cunhalho perseguidor e em incandeario archote...

O tal doce Nazareno, que dizem ter proclamado em Jerusalém a fulgurante trilogia: *Liberdade Igualdade e Fraternidade*, insurgiu-se contra a riqueza e a exploração, não considerando seu discípulo todo aquele que, sendo justo, não desse de mão a tudo que possuísse e o distribuisse por todos, segundo a necessidade que cada um tinha. Este princípio doutrinarie é similar ao prin-

cipto anarquista que nós advogamos — a cada um segundo as suas necessidades. Seguindo esta ordem de ideias do Mestre S. Bazilio declara convicta e unânimemente que «o rico é um ladrão», que foi o prefácio da tese proudhoniana: «a propriedade é um roubo!» Assim como chamaram parvo a Proudhon, assim apellidaram os ricos conservadores daquele tempo a S. Bazilio, como de resto, acimarão de doido o próprio doce Rabi, considerado como idiota pela família, o que hoje acontece com aqueles que não querem ir à frente das opiniões anticlericais. Santo Ambrósio disse como nós: «A natureza deu o direito comum, a usurpação deu a propriedade particular». S. Jerónimo predicou: «a opulência é sempre um produto do roubo; se o não comeceu o proprietário actual, cometeram-no os seus antepassados». «O rico é um animal feroz, que tem a gúela sempre aberta para devorar o alimento dos outros» — opinou S. Gregório de Nysse...

Porque é que os burgueses, os capitalistas, os banqueiros, os proprietários, os políticos e quejandas criaturas reaccionárias não abraçam a tradição daqueles e outros Santos, e deixam de oprimir, e deixam de roubar?

Pela clara razão de que a Igreja, o casino religioso, o fanatismo cristão, o casiquismo ao avesso, proteje, pela mentirosa promessa do Paraíso aos miseráveis e pela aniquilação do raciocínio operada nas universidades, pensamentos e colégios congreganistas, o Estado capitalista, como a polícia, o exercito e a magistratura o amparam também. E por isso que a Igreja e o Estado, as vestes aparentemente divorciados por questões de lementidos radicalismos, caem, como dois ladrões, nos braços um do outro, no dizer acertado de Timoteón. Para que os explorados, os operários, enjaulados nos dogmas do ensino religioso, não reivindiquem os seus direitos a vida.

Por estas razões, é que o Estado republicano se reconcilia com Deus, os livre-pensadores de «plastrons» pretenciosos se entendem com o clericalismo — e nós somos contra o Estado, o Capitalismo e os Dogmas.

Clemente V. SANTOS.

O órgão operário

O que urge fazer para que se mantenha?

Aumentar as receitas!

A Batalha atravessa neste momento uma vida fictícia a que urge dar remédio eficaz — o aumento de receita — para que tome alento vigoroso, a fim de prosseguir na defesa do proletariado, preparando a sua educação revolucionária, desenvolvendo o espirito reivindicador, traçando a sua emancipação social, como meio de se libertar da tutela capitalista.

A Batalha, como jornal genuinamente operário, precisa radicar, única e exclusivamente, no espirito daqueles que defende o nas ideias que propaga o apoio imediato e decidido para que não paralisasse a sua publicação.

E o proletariado não deve contentar-se com o seu baluarte de defesa, ao fim do quatro anos de existência honesta, desapareça por falta de meios.

A Batalha tem tido numa parte do operariado consciente um forte apoio, não o negamos, mas esse apoio não é correspondido por todos aqueles que deviam auxiliá-la e que por seu intermédio conseguem ter os seus direitos assegurados e defendidos.

Bem sabemos que diversas festas, cotizações, quotos, etc., se têm realizado em seu benefício, mas isso é uma gota de água no Oceano do seu deficit.

A Batalha, apesar de todos esses valiosos auxílios, consegue manter um deficit enorme que precisa urgentemente desaparecer. E só com o aumento de receitas se poderá conseguir.

Do aumento da cota confederal será tirada uma parcela, 2,5 centavos, mas que é incerta semanalmente, atendendo a que muitos dos organismos por falta de tempo ainda não estão aptos a contribuir com essa cotização.

Seja duma forma ou doutra A Batalha, para viver, precisa aumentar as suas receitas, a única maneira viável de continuar na defesa das legítimas aspirações do proletariado organizado. E assim, é que medite: um jornal que permanece quatro anos em circulação diária que não chega a ter uma vida assegurada, mas tendo periclitante a sua venda; um jornal que se mantém de dádivas o festas é um jornal que pode fracassar para a propaganda e constituir um peso enorme para a colectividade.

E' lógico progredir e não retroceder, é preciso que os trabalhadores tenham em conta esta verdade. E ela é nua e crua...

PELA RÚSSIA

Em lugar seguro...

GENÈBRA, 23.—Bomboaci e outros comunistas italianos, assustados perante o que chamam «a musulnada», fugiram para a Rússia dos Soviéticos munidos de passaportes falsos que lhes proporcionou Krestinski, ministro dos Soviéticos em Berlim. Moscovo ordenou a outros comunistas italianos que chegaram à Rússia que saíam para a Suíça e Áustria com o fim de fundar impensas para editar jornais e folhetos destinados à propaganda sovietista na Itália. —*Rádio.*

A proibição do alcool

RIGA, 23.—O jornal russo *A Vida Económica*, de Moscovo, lamenta os estragos profundos que está causando na Rússia a proibição do alcool. Em todas as povoações existem destilarias clandestinas que fabricam uma bebida chamada «banha» muito repugnante, feita de alhos, centeio e outros grãos. —*Rádio.*

Um novo banco

BERLIM, 23.—Foi fundada o Banco Comercial Russo, com um capital de 10 milhões de rublos ouro; em que o banqueiro suéco Aschberg possui a maior parte. O banco vai dedicar-se a moedas estrangeiras e metais preciosos, que até agora constituam um monopólio do Banco do Estado dos Soviéticos. —*Rádio.*

O exercito vermelho

BERLIM, 23.—Sob proposta de Trotsky, o soviete de Moscovo resolveu conceder mais um milhão de rublos ouro para o exercito vermelho. —*Rádio.*

A proibição do alcool

BERLIM, 23.—Comunicam de Constantinopla que a proibição de importação e consumo de bebidas alcoolicas foi adiada para o 1.º de Março. —*Rádio.*

Confederação Geral do Trabalho

AO PROLETARIADO DA REGIÃO PORTUGUESA

Porque a aleivosia posta ao serviço da calúnia gerou um manifesto que acaba de ser dirigido aos trabalhadores da região portuguesa com a transcrição de uma «mensagem» — cujo conteúdo é a triste demonstração prática da triologia «confundir, delatrar e caluniar» — dirigida pela Internacional Sindical Vermelha ao proletariado português, a Confederação Geral do Trabalho, único organismo representativo deste proletariado, opondo a verdade à calúnia e a clareza à confusão, fala assim:

A' Internacional Sindical Vermelha

O proletariado da região portuguesa não é rebanho fácil de enfiar a qualquer partido ou facção. Organizado sobre a base federalista e autónoma, ele reconhece, pela prática do passado, que só com o seu esforço e por consequência sem o predomínio de qualquer *Alte*, poderá conseguir a *clape* da sua integral emancipação. Habitado a ver menosprezados os seus interesses e deturpada a sua vontade pelos falsos caudilhos democratas, farto da tirania dum regime que em nome da «soberania do povo» mais o tem escravizado, em seu espirito claramente libertário, não aceita a substituição dessa tirania por outra, que possa intitular-se «ditadura do proletariado».

Demais sabe ele que uma transformação operada de momento só pode escurar-se na escuridão que mais acrimenmente se combata — o militarismo — que, muito embora mudando de involução, prosseguirá na sua ditadura. São o padre e o militar, adaptando-se a todas as fórmulas estas teias das sociedades.

Porque assim pensa, porque é esta a sua psicologia, o proletariado português, rendendo o máximo culto ao povo russo que fez a revolução de Outubro, tem funda antipatia pela facção que desviou a trajetória da revolução para o estabelecimento de um estado centralista que enche as prisões de libertários a quem chama contra-revolucionários e por quererem o avanço da revolução, e — irrisão! — transige pouco a pouco com o capitalismo interno e externo.

Reconhece o nosso proletariado que o sindicalismo revolucionário não pode alienar a sua autonomia e finalidade, em holocausto às pretensões egóticas duma facção *soit-disant* comunista, visto que o sindicalismo se basta para enfrentar um período de transição revolucionária.

Porque assim entende, o proletariado da região portuguesa, reunido no seu III Congresso, na Covilhã, — afirmamolo sem receio de desmentido! — muito livremente, sem a coacção dos anarquistas — conforme afirmaes — resolveu não aderir à I. S. V.

Não foi uma resolução tomada cecamente, mas sim filha da noção de que essa Internacional, pela sua ligação insosfismável com o Partido Comunista Autoritário, está em antagonismo com os princípios basilares do sindicalismo autónomo e anti-imperativo.

Sabemos que o confusãoismo tem sobre vós a sua influência. Tem-vos deturpado a verdade dos factos. A demonstração está nos lamentáveis factos de verdade da vossa «mensagem».

Porque desconheceis o infeliz papel desempenhado pelos vossos poucos partidários em Portugal no Congresso da Covilhã; o envio de dois delegados especiais a procurar influir nas resoluções do Congresso; o fracasso da sua missão, que não conseguiu fazer traí o sindicalismo; enfim, o seu insucesso no plano derrotista da Organização, por vezes violento, por vezes capcioso.

Por ignorância, por certo, afirmais que a Comissão Organizadora do nosso Congresso foi impedida de defender os seus trabalhos, quando foi ela inicialmente que se negou a tal, ao que parece, por essa traíção se contradizerem. Ainda por falsa informação, aconselhai o nosso proletariado a romper com a disciplina sindical, não acatando as resoluções do Congresso, porque, segundo falsamente afirmais, ele não representou o sentir do mesmo proletariado, visto que faltou a assistência de «57 (?) organizações».

Lamentamos a vossa ingenuidade e cega confiança em quem vos ludibriou.

E' certo que o nosso III Congresso decorreu agitado,

CONTRA AS PREPOTENCIAS DOS SENHORIOS

O FUNERAL DE JOSÉ MANUEL

realiza-se hoje, constituindo uma manifestação de simpatia pelo seu desinteressado gesto. * * *

E' hoje, às 14 horas, que se realiza o funeral do camarada José Manuel, que saiu da Morgue para o cemitério oriental com o seguinte itinerário: ruas de S. Lazaro, Palma, Rossio, Avonidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, ruas Tomás Ribeiro, Actor Taborda, Estafânia, Morais Soares.



JOSÉ MANUEL

Desaparece um operário honesto, dedicado, que deliberadamente sacrificou a vida, em defesa dos

inquilinos. O seu gesto justifica-se amplamente com a ofensiva desencadeada pelos senhorios contra os inquilinos. Os senhorios colocam-se e colocam-se fora da lei, conseguiram sempre que lhes apetecia mandados de despejo na Boa-Hora, obtinham sempre o auxílio

da policia e punham os inquilinos na rua, sem consideração alguma pela sua saúde e pela sua vida. Entenderam eles que o inquilino devia ser roubado à vontade e expulso quando lhes apetece.

A audácia dos senhorios criou uma atmosfera de revolta. Foi ela que gerou gestos violentos, sem dúvida, mas os únicos de que se poderia lançar mão, visto que a lei para nada servia, a Boa-Hora a tudo se prestava e a policia tudo auxiliava.

José Manuel indignou-se com a infâmia que se pretendia praticar na rua Tomás Ribeiro. O espectáculo de 150 pessoas sem abrigo revoltam-no como revolta todas as consciências sem que o sentido de humanidade se tenha obliterado.

A sua morte foi o preço da sua atitude cuja nobreza de objectivos merece ser posta em relevo. Que os inquilinos meditem no seu corajoso e desaventurado defensor.

A Comissão Administrativa da União dos Sindicatos Operários de Lisboa, interpretando as resoluções tomadas pelos inquilinos em sucessivas reuniões e no último comício de protesto contra os senhorios convida o inquilinato e, principalmente, o operariado a unopar-se no funeral do camarada José Manuel.

Convida também todos os sindicatos a fazerem-se representar manifestando

ECOS DO CONGRESSO DA COVILHÃ

Uma adesão a Berlim

O Sindicato Unico da Indústria do Calçado, Curores e Pêlos do Pôrto, reuniu em assembleia geral para apreciar o relatório dos delegados ao Congresso da Covilhã. Foi muito discutida a atitude dos delegados que se absteram na votação sobre relações internacionais, acabando por se aceitar apenas em princípio a sua atitude. Mas, foi deliberado fazer ciente a organização sindical que o sindicato vota por Berlim, mantendo-se de acordo com o espirito libertário tradicional na organização operária e ratificado no Congresso da covilhã.

Trabalhadores: LEDE A «A BATALHA»

Na Africa do Sul

Uma nova instalação de telegrafia sem fios

LONDRES, 23.—Vão muito em breve começar os trabalhos para a montagem duma nova instalação de telegrafia sem fios na Africa do Sul. Julga-se que poderá funcionar dentro duns 18 meses. Essa estação será a mais poderosa de todo o mundo e estará em comunicação com todos os países do Universo — *Rádio.*

assim a sua reprovação pelas manobras desumanas dos senhorios e a sua simpatia pelo desinteressado e corajoso gesto de José Manuel.

Convidam os seus associados a representar-se nos funerais, entre outras, as seguintes colectividades: Sindicato Unico da Construção Civil e respectivas secções profissionais, Ferrovários da C. P., Compositores Tipográficos, Federação das Juventudes Sindicistas, Núcleo Central e respectivas secções, Comissão pró-A Batalha, Centro de Estudos Sociais, Associação Anti-Alcoólica Operária, Vendedores Ambulantes, Grupos Anarquistas Sempre-Unidos e Libertários, Comissão Municipal Comunista.

—Foi nos enviada por uma comissão de inquilinos ameaçados de despejo a quantia de 4150 para auxiliar as despesas do enterro de José Manuel.

A organização operária precisa ser robustecida

As deliberações da U. S. O. do Pôrto

A União dos Sindicatos Operários do Pôrto não tem passado despercebida a necessidade que a organização operária tem de se desenvolver, quer sob o ponto de vista material, quer sob o seu lado moral. Com os actuais recursos de que dispõe, ela não pode ter aquela vitalidade indispensável que o actual período histórico exige. Deixar-se cair num estagnamento de indiferentismo lamentável, seria o mesmo que permitir o avanço da reacção capitalista, o mesmo que representar a perda de tantos sacrificios dispendidos em vão.

E' pois imperioso uma outra actividade se torne mais efectiva, mister é que, além do auxilio intelectual e moral dos militantes e suas classes, venha o concurso monetário de todos os trabalhadores organizados, pois o actual estado financeiro dos organismos sindicais não dá margem a que a sua vida decorra mais robusta, de molde a enfrentar as questões que agitam os interesses mo-estados do proletariado.

A União, porém, não se tem restringido a olhar o problema simplesmente em um modo particular, isto é, local, mas sim de um modo geral. Por isso, e concordando em absoluto com o que A Batalha tem escrito sobre as necessidades da organização, tem feito bastante propaganda para que aquela compreensão chegue a todos e a cota confederal, federal e sindical bem como a colecta para a União, seja votada o mais unanimemente possível — para que o sindicalismo não pare, para que A Batalha prossiga na sua tarefa combativa e educadora.

Estas são as deliberações da U. S. O. acerca do exposto.

Um templo de Deus

devorado pelas chamas
OTAWA, 23.—A igreja de Notre Dame de Quebec, a mais bela do Canadá, ardeu completamente com todos os seus tesouros artísticos. Atribui-se o desastre a um curto-circuito. Entre as preciosidades artísticas que se perderam, figuram quadros de Van Dyck e Lebrun. —*Rádio.*

Manifestações anti-semitas

Jornais saqueados e destruídos
BUCAREST, 23.—As manifestações anti-semitas tem continuado na Roménia. Em Jassy impediu-se aos estudantes judeus que frequentassem as Universidades, bem como em Bucarest. Em Jassy os estudantes atacaram também uma redacção judaica e feriram vários assistentes a tiros de revólver. As redacções dos jornais judeus são saqueadas e destruídas. Os jornais queixam-se de o governo não proceder contra os manifestantes. —*Rádio.*

NA AMERICA DO NORTE

O terror branco

A plutocracia tenta roubar aos trabalhadores os últimos vestígios dos seus direitos civis

Durante o último verão desenrolaram-se nos Estados Unidos acontecimentos sensacionais sem precedentes na história do movimento operário daquele país.

Nada menos de meio milhão de mineiros declararam-se em greve, para defenderem o seu sindicato e uma maneira de viver decente; quatrocentos mil operários dos caminhos de ferro e duzentos mil da industria têxtil abandonaram também o trabalho pelos mesmos motivos.

Em vista deste despertar da consciência do proletariado, a burguesia norte americana redobrou de violência nos seus ataques contra o movimento operário.

Por toda a parte onde os operários ousaram resistir-lhe, trataram-nos com o rigor terrível, tendo sempre, como é costume, as autoridades de cada Estado e a autoridade federal tomado abertamente o partido da patronal.

Os tribunais e todas as outras instituições governamentais juntaram-se aos patrões, para reprimir as greves. As forças armadas do governo: policia, milicia e exercito regular, puzeram-se ao lado dos exercitos particulares dos patrões, para intimidarem, aterrorizarem e assassinares os grevistas.

Na Virginia, no Oeste, no Colorado e na Pensilvânia, a guerra empreendida contra os mineiros de carvão manifestou-se com uma violência jamais observada.

Presentemente, para os trabalhadores norte-americanos, a liberdade de imprensa, de palavra e de reunião são coisas do passado. O direito de se organizarem e o direito à greve não existem senão em teoria.

As perseguições, as acusações e os ataques armados empreendidos deliberadamente pelas forças governamentais contra os operários, tal é a ordem do dia nos Estados Unidos.

Como sempre tem acontecido, é principalmente sobre os I. W. W. que recaem todas as violências postas em prática pelos mercenários e os ordens dos plutocratas da república do dólar, encontrando-se neste momento grande número deles encarcerados nas várias penitenciárias do país da Liberdade.

Cartas condenatórias

LONDRES, 23.—A biografia de Frau Henrietta Schroder, viúva dum celebre politico liberal alemão, contém muitas cartas escritas pela Imperatriz Frederica da Alemanha. Numa «ex-Kaiser e os seus politicos» foram mais completamente condenados do que nestas notáveis cartas de sua mãe. —*Rádio.*

NOTAS & COMENTARIOS

Modos de ver

O partido socialista publicou uma nota officiosa na qual se declara dar a adesão ao congresso das esquerdas. Mas, diz que essa adesão se deve fazer por meio da liberdade que concede a todos os seus filiados de nele se fazerem representar individualmente. Parece-nos que se trata duma coisa absolutamente oposta a uma adesão, visto que preconiza a supressão da etiqueta de socialistas partidários para eles serem esquerdistas — isto é membros do congresso das esquerdas. Mas, como podem ir todos, pode lá estar o partido em massa, e por outro não está lá visto que todos lá estão individualmente.

Perceberam? Nós não entendemos como, letamente, esta atitude que parece estar à esquerda da lógica e da clareza.

Os telefones

Começa a ciclar-se um novo aumento das tarifas dos telefones. Esses endiabrados e famintos aparelhos que tantas lesões cardíacas tem provocado, cujo funcionamento é mais precário que as provas da existência de Deus, preparam uma nova ofensiva. Realmente, os telefones são o invés das intenções que presidiram à sua invenção. E assim, em lugar de nos serem úteis, são além de inúteis, ruinosos.

A farça da caridade

Jornais e instituições burguesas anunciam distribuições de brinde a crianças pobres, actos estes de brilhante benevolência que lhes sai de graça visto receberem o dinheiro de bolsos alheios. Abrindo as excepções convenientes, em quasi todas essas manifestações de caridade pratica-se a revoltante crueldade de manter os pobres, horas infinitas sofrendo, em bichas intermináveis as agitações impiedosas da chuva e do frio. E' uma caridade muito especial como vêem.

Sim, ainda mais!

Admira-se a República quando digamos ser preciso desenvolver o espirito revolucionário entre o operariado. E acrescenta: «Ainda mais?»

Sim. Ainda mais e muito mais, para criar e desenvolver consciências revolucionárias, opondo-se a essa onda de raciocinarismo, que se tem apoderado dos homens dos archivos incendiários, e os faz curvar vergulhosamente, calcando aos pés um passado de afirmações rasgadas e liberais, ante os representantes da igreja.

Sim. E' preciso desenvolver ainda mais o espirito revolucionário entre o operariado para correr à vassourada essas embusteiros que durante a propaganda conseguiram ludibriar o povo ignorante.

A BATALHA

publica-se amanhã segunda-feira.

EM OURIQUE

A carestia da vida e a exiguidade dos salários dos trabalhadores

Recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade:

«Presados camaradas.—Vários correspondentes de A Batalha tem trazido a lume os preços dos gêneros de primeira necessidade e salários nas respectivas localidades, muito especialmente os salários dos trabalhadores rurais por serem em geral os operários mais mal pagos em todos os tempos. Apenas com o intuito de esclarecer o restante proletariado do país, lembrei-me de trazer para as colunas do nosso jornal os preços dos gêneros de primeira necessidade e bem assim os salários nestas localidades.

Construção civil, aqui muito diminuída, entre 5000 e 8000; trabalhadores rurais, varejo 5000, homens; mulheres, 3800 cada tarde; porcos, os proprietários, na sua maioria, dizem que as mulheres na Espanha de azeitona tem, frio de manhã, e nada fazem; trabalhadores rurais em outros trabalhos agrícolas, homens entre 3500 e 4500; mulheres a 1500 cada dia.

Preços dos gêneros, cá: 10000; assucar a 3800 e a 3600; tabaco a 4500; bacalhau a 5400 e 5600; azeite a 5800; batatas a 1500; carne de porco com osso a 5000; chouriço de carne a 8000; chouriço ou chourico, como aqui lhe chamam a 7500 e 8000; lombo a 7000; carne limpa a 6000; banana a 5000; ossos a 5800; toucinho a 5000; feijões de 1300 a 1800; pão a 900; carneiro, quando o há, a 3500; ovos a 300 cada; leite a 800; petróleo a 1800, etc.

Ourique é terra pobre na grande maioria dos seus habitantes, e tem necessidade de tudo—desde o amanho da estrada que vai da vila à estação de caminho de ferro, que dista 11,5 quilômetros, até ao mais que é indispensável para que uma terra seja digna de quem a habita. A indolência deste bom povo obriga-o a passar fortes necessidades, mas nunca a reclamar com alívio melhora de situação para si e para os seus. Assim, vemos todos os dias andarem esmolando filhinhos de trabalhadores a quem o parco salário não chega para mitigar a fome a todos eles! Como tudo isto é triste!

E talvez por estes factos se darem que eles num momento de desânimo, impensadamente, gastam parte da féria na taberna, deixando ainda à mercê da caridade os infelizes pezeiros!

A isto tudo ajuntar-se que para mal dos mesmos trabalhadores a plantação das vinhas cresce; cresce porque é mais rendoso e com menos cuidados—uma vez que as cepas comecem a dar uvas. Não seria mais prático, mais viável e mais humano mesmo, em vez de plantações de vinhas, serem os terrenos cultos já e os incultos semeados com trigo e outros cereais panificáveis? Não era esta a parte principal para se começar com a guerra ao alcoolismo e à taberna?

Ourique, 21 de Dezembro de 1922.

Luis Carvalho

FEITAS ASSOCIATIVAS

Associação do Pessoal da Imprensa Nacional

Comemorando a passagem do seu 9.º aniversário, realiza hoje uma festa na sua sede a Associação do Pessoal da Imprensa Nacional.

Este sindicato, que vem seguindo uma orientação caracterizadamente sindicalista, já tem demonstrado a sua acção no terreno de luta de classes e prepara-se para definitivamente dar a sua adesão à central dos sindicatos, colocando-se assim ao lado dos restantes trabalhadores organizados para a conquista das suas mais caras aspirações. O programa da festa de hoje é o seguinte:

Às 13 horas, sessão solene, em que usará da palavra representantes de vários organismos operários, seguindo-se uma conferência por um distinto professor e conferencista, subordinada ao tema: *A crise da solidariedade*.

Às 17 horas, concerto musical pela Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo. Às 21 horas, sarau. 1.ª parte: Trechos musicais pela Troupe Guitarrista Amadeu Martins, dirigida por Carlos Barreiros. 2.ª parte: *O Operário e o Ladrão*, episódio dramático, por Viriato Dias e Leopoldo Costa. 3.ª parte: *1 Versos*, por Raul Leal; *O Farrapo*, versos da revista *Pilhas e Peras*, pela menina Lucília Santos; *III O Chapéu Alto*, monólogo, por José Dias; *IV Os clowns Imóveis Atalães*. Exibir-se-ão ainda outros números interessantes. A entrada é pela rua Alexandre Herculano, 129.

Contra o ensino religioso

Da Federação do Livre Pensamento recebemos a seguinte comunicação:

«Na sua sessão de ontem, a direcção desta colectividade, prosseguindo nos seus trabalhos de protesto contra a projectada infracção à Lei da Separação do Estado das Igrejas, grava afronta aos sentimentos liberais do povo e, consequentemente, um flagrante atentado à república, tomou conhecimento de novas adesões de colectividades e de muitos dos seus delegados e simples associados da província, entre os quais se contam professores, funcionários públicos e comerciantes, cujos nomes e criteriosas considerações serão oportunamente publicados.

Foi resolvido desde já tomar em boa consideração essas valiosas adesões e prometer participação no protesto, que mais um triunfo marcará para a república. Atendendo à manifestação espontânea que está surgindo em todos os pontos do país, a efervescência que lava em todos os espíritos, a direcção prevê que ainda desta vez a reacção não sairá triunfante da sua arrogante investida contra a liberdade da consciência nacional. A direcção está organizando o seu dossier de todo este assunto, contando em breve desenvolver a sua acção.

Classes que reclamam

Funcionalismo público

Na Associação dos Caixeiros reuniu-se ontem a comissão dos delegados dos ministérios a fim de instar junto dos poderes constituidos para que seja dado completo cumprimento às leis 1355 e 1356 e muito especialmente pelas diferenças estabelecidas, contra a lei, entre os funcionários da contabilidade pública e o restante funcionalismo.

Foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que se tem intencionalmente propagado que o presidente da direcção da Associação de Classe se dirigiu em termos inconvenientes ao ministro das Finanças, o que não é verdade;

Considerando que a comissão que procurou o ministro e de que o mesmo director fez parte, era composta de delegados do funcionalismo de todos os ministérios, incapazes de faltar ao respeito devido a um ministro da república;

E atendendo a que a comissão foi mandada por fora do gabinete ministerial, sem motivo justificativo de tam insólita atitude;

A assembleia geral do funcionalismo resolve registar essa atitude e saúda a Comissão dos seus representantes, aos quais presta a sua homenagem de consideração e estima e dá o apoio da sua mais franca solidariedade.

A seguir foi nomeada uma comissão composta por Moreira Lopes, Virgílio Maia, Magalhães Benjamin, Jerónimo Mário Costa e António Pinto Serra, para substituir a que tem tratado do assunto. Esta substituição é feita em virtude de a comissão anterior ter pedido a demissão em face da atitude vexatória do ministro das Finanças.

No próximo dia 29, às 20 horas, efectua-se nova reunião, no mesmo local.

Corticeiros do Barreiro

BARREIRO, 22.—Reuniram-se ontem esta classe para apreciar as reclamações sobre salários formuladas pela Federação.

Usou da palavra Francisco Fernandes que esclarece e justifica a reclamação de 4 escudos para operários, 3 para operárias e 2 para menores de ambos os sexos. Incita os operários à união evitando os aumentos parciais por localidade, o que os industriais pretendem conseguir.

Segue-se Arnaldo Valverde que defende o critério da Federação e apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Dar todo o apoio à Federação para que sejam coroadas de bom êxito as reclamações em discussão. 2.º Acatar todas as resoluções dimanadas da Central, até esta se desdobrar da missão de que está incumbida. Eº aprovada por unanimidade. Francisco Fernandes que volta a tomar a palavra, faz um ênrgico apelo à classe corticeira e afirma que neste momento o Conselho Federal se encontra em sessão permanente estudando a materialização das reclamações.

Em seguida procede-se à aprovação da cota sindical de 50 cts, sendo encerrada a sessão por entre aclamações à C. G. T. e à A. Batalha.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secção Mobilidade.—Reunem na terça-feira, pelas 20 horas, os corpos gerentes.

O "avanço" do fascismo

Na Hungria é baseado na moral cristã

BUDAPEST, 23.—Celebrou-se a assembleia constituinte do partido fascista húngaro. Fez-se a leitura dos estatutos que foram aprovados. Segundo esses estatutos, o fim do fascismo húngaro é assegurar a ordem social sobre a base da moral cristã e da protecção do desenvolvimento dos bens da civilização nacional ameaçados pelos internacionalismos.

O sr. Friedrich pronunciou uma curta alocução dizendo que queria permanecer como soldado de fileira. Depois da nomeação da mesa, os assistentes, em número de 1.000 dissolveram-se sem incidentes.

Que fim terá no México?

LONDRES, 23.—Comunicam do México que o chefe do movimento fascista naquele país declarou que dentro de 6 meses contará com mais dum milhão de adeptos.—Rádio.

Sanidade pública

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 16 do corrente manifestaram-se em Lisboa 10 casos de difteria, 1 de escarlatina, 6 de febre tifóide, 3 de meningite, 7 de sarampo e 39 de varíola, e no Porto, 1 de difteria, 2 de febre tifóide, 2 de sarampo e 2 de varíola.

O NATAL

A visita aos presos

Segundo o costume dos anos anteriores o director das Cadeias Cíveis de Lisboa autorizou a visita aos presos no dia de Natal. A entrada nos grupos é às 12 horas e enxovias às 0 horas da manhã.

E de esperar que seja aproveitado o ensejo para o operariado visitar os presos por questões sociais.

Bodas

Para o bodó aos pobres que hoje se realiza no governo civil e em todas as esquadras recebemos 30 senhas que agradecemos.

SOLIDARIEDADE

Realiza-se hoje, às 15 horas, no Sindicato Único Metalúrgico do Porto uma velada social. Para uma palestra alusiva à Batalha o camarada Manuel Joaquim de Sousa.

Haverá canções sociais, quermesse, concerto musical e será efectuada a 1.ª série do sorteio «Pró-Batalha».

Os senhorios

O caso da rua Tomás Ribeiro

Por ordem do juiz da 4.ª vara, foram mandadas recolher às respectivas casas as mobílias daqueles inquilinos das casinhas da rua Tomás Ribeiro, caso a que largamente nos temos referido, e que já tinham sido postas na rua porque assim o entendiam os senhorios. Será bom que estes senhores se emendem, não perseguindo tam ferozmente os inquilinos como tem feito.

Uma proesa do Freire Gravador

Convidamos o sr. João Cipriano Coelho a comparecer nesta redacção na próxima terça-feira, 26, pelas 21 horas, a fim de nos prestar uns esclarecimentos sobre a notícia que publicamos há dias com o título acima.

Mais um mandado de despejo

Também para nos elucidar sobre a notícia que ontem publicamos com este título, convidamos para o mesmo dia e hora o camarada que nos deu a respectiva informação.

Um caso que revolta

Recebemos a seguinte carta:

«Foi preso no dia 13 do corrente o operário José Augusto, pintor da Construção Civil, morador na rua do Recolhimento ao Castelo, n.º 8, loja, acusado de no dia 27 de Dezembro de 1919 ter dito a uma sua irmã que lhe arrecadasse uma bomba, que ele no outro dia ia buscar-las.

Esta acusação é feita por um seu vizinho, José Alberto Gomes Pereira, que, valendo-se da influência que tem no «Grupo dos 13», do qual faz parte, se quer vingar de uma questão pessoal e familiar.

Que este laço da polícia tivesse procedido infamemente, a ponto de fazer a sua vítima entrar no Governo Civil, ainda podemos tolerar; mas o que não se admite é que as autoridades superiores se prestassem a obedecer a uma informação previamente combinada entre José Alberto Gomes Pereira, agente Oliveira da 3.ª Secção, e Araújo, agente da mesma secção de nome Braga, enviando para o Tribunal de Defesa Social aquele operário como implicado na explosão que se deu há 3 anos, nas escadarias de S. Crispim, sem tomarem em conta que nesta data estava José Augusto trabalhando no Palácio de Queluz, por conta do Estado, e residia na rua Sara, e que sua irmã não morava na casa indicada pelo seu caluniador, como provou com o arrendamento e testemunhas.

O agente, não fazendo caso destas e da inocência daquele operário, só fez, por conveniência própria, na acusação de José Alberto Gomes Pereira, pois que não há qualquer outra testemunha, a não ser aqueles caluniadores, nem foi apreendida qualquer coisa que compromettesse José Augusto, o que não evitou que as autoridades superiores o enviassem para o tribunal.

Demonstram-nos estes factos que estamos na ameaça constante de, por vingança de qualquer laço que faça parte de uma determinada seta, o director da polícia nos mandar para a «Defesa» para gozardos dos seus servidores.

E preciso por termo a tal revoltante procedimento dos indivíduos que se dizem representantes da justiça.

Pelos presos de delitos sociais—Manuel Ramos.

O dr. Brito Camacho chega hoje ao Tejo

Deve chegar hoje ao Tejo a bordo do vapor S. Miguel, o dr. Brito Camacho, alto comissário de Moçambique, tendo ontem telegrafado ao ministro das Colónias comunicando-lhe que tinha partido ante-onhem do Funchal a bordo do referido vapor com destino a Lisboa.

DESPORTOS

Futebol

Ainda não chegou o «Union Sporting» de Vigo

Do Império Lisboa Club recebemos o comunicado que publicamos a seguir: «Por telegrama de Vigo, recebido hoje, teve este club conhecimento de que o «Union Sporting» de Vigo não se podia deslocar antes de 28 do corrente, em consequência de se acharem doentes alguns dos seus melhores jogadores, motivado ainda pela dureza do último jogo, do campeonato, com o «Real Fortuna». Diz mais o secretário do «Union», que, sabendo o valor e classe do «association» lisboense, se apresentará, em Lisboa, o «team» completo a fim de não sofrer um desaire que muito prejudicaria a vida do club, tanto mais que, no campeonato da sua região, se mantém com uma esplêndida classificação.

Em virtude do exposto, a direcção do «Império» participa-nos que os desportos marcados para 24 e 25 do corrente foram transferidos para 31 de Dezembro e 1 de Janeiro.

Liga de Futebol Operária

Reuniu a direcção da Liga em 19 do corrente marcando para hoje os seguintes desportos:

3.ª categoria, Estrangeira Nacional.—Rio Sêco no campo do Bom Sucesso às 15 horas, árbitro José Mamede, do Imperal; Bôa Hora-Matadouro no campo das Salésias às 15 horas, árbitro Alberto dos Santos, do Triângulo.

4.ª categoria 1.ª Série Nacional.—Bôa Hora, no campo da Junqueira às 11 horas, árbitro Pedro Simões, do Lusitano; Alcantara-Triângulo, no campo da Junqueira às 13 horas, árbitro João da Junqueira, do Santa Clara; Casilhão-Estrangeira, no campo da Estrangeira às 11 horas, árbitro Manuel Caeiro, do Rio Sêco; Alimense-Matadouro no campo da Junqueira às 15 horas, árbitro Manuel Camilo, dos Bombeiros.

2.ª Série, Santa Clara-Rio Sêco na Estrangeira às 13 horas, árbitro do Estrangeira; Peninsular-Imperial no campo das Salésias, às 13 horas, árbitro Carlos Dinis, do Nacional; Oriental-Bombeiros, no campo das Salésias, às 11 horas, árbitro José Teixeira, do Bôa Hora.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — 2 sensacionais espectáculos — HOJE

A's 14,30 (2 1/2) Grandiosa matinee Os melhores e mais variados números
A's 21 (9 da noite) Magnífico programa As maiores novidades e atracções
A'manhã—GRANDE MATINÉE DO NATAL—A'manhã BILHETES À VENDA

VIDA SINDICAL

C. G. T.

A tripulação de convex, fogo e câmaras do vapor *Amarante*.
Grémio dos Funcionários do Município.—Reunem hoje, em segunda convocação, na sua sede, rua da Madalena, 225, 1.º, os funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, para aprovação do relatório e contas de gerência dos anos de 1920 e 1921 e eleição dos corpos gerentes para 1923.

Conselho Confederal
Reúne na próxima quarta-feira, às 21 horas, para discutir a ordem de trabalhos ultimamente publicada.

COMUNICAÇÕES

Pessoal do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional.—Em reunião de 22 do corrente, foram nomeados os corpos gerentes para o ano de 1923, os quais ficaram assim constituídos: assembleia geral, presidente, Joaquim Cordeiro; 1.º secretário, José Simões; 2.º secretário, Gerardo Baptista; comissão administrativa: secretário geral, Abílio Alves Lima; secretário adjunto, Raul Pereira Branco; secretário administrativo, Henrique Sebastião Lima; secretário bibliotecário, José Lopes Teixeira; tesoureiro, José António Padessa; vogais: Manuel Ferreira dos Santos e José de Almeida Castilho; conselho fiscal: Francisco Ferreira Lima, José da Mata e Manuel Gonçalves; comissão de melhoramentos: José Tavares dos Santos, Manuel Tomás Marques e Alberto Baptista.

Comissão Redactorial do «Eco do Arsenal»: somente nesta reunião foi nomeado António da Conceição Barbosa de Araújo, e ficando a nomeação dos restantes membros para a próxima reunião da assembleia geral.

1.ª resolução foi tomada sobre a nomeação do Conselho Técnico. Por praticarem actos atentatórios do bom nome deste sindicato, foram expulsos os seguintes indivíduos: Avelino Augusto de Castro e Joaquim Romão. Por proposta foi lançado na acta um voto de sentimento pela morte de José Manuel, conservando-se a assembleia em silêncio por um minuto.

Descarregadores de Mar e Terra.—Reuniu a Direcção pelo delegado da Classe, tomou-se conhecimento que os indivíduos que compõem o grupo dissidente da Caixa de Socorros e Pensões, pretendiam que fossem suspensas as resoluções da última assembleia geral, resolvendo-se sustentar estas, visto não poder ir contra elas, e que esse grupo apresente por escrito à Direcção, quais os motivos que o levaram a não querer fazer parte da dita Caixa, entregando depois o assunto a uma assembleia geral, que o apreciaria e resolveria conforme entender.

Sindicato U. da C. Civil.—(Secção de Palma).—Reuniu em assembleia geral no dia 22, para eleger os corpos gerentes para o ano de 1922, o que deu o seguinte resultado:

Comissão administrativa: 1.º Secretário, José Fernandes Figueiredo; adjunto, José dos Santos; tesoureiro, António Henriques; vogais, Quirino Fernandes e Manuel Rocha.

Comissão Escolar Interna: António Manuel Vinhais, Domingos Martins Barros, Acácio Nunes, José Vicente e Manuel Patrão.

Assembleia geral: Secretários, Francisco Rodrigues e Luís Vidal. Delegados ao Conselho Técnico: João Baptista dos Santos e Luís Gonzaga.

Delegados ao Conselho de Secções: Agostinho de Sousa, Manuel Patrão. Comissão de Cultura e Propaganda: Luís Gonzaga, Manuel Patrão.

Primeira Secção de Bôsa de Fraballo: José Maria da Silva.

CONVOCAÇÕES

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante.—Reúne na terça-feira, pelas 11 horas, na sua sede, toda

Trigo exótico

O Conselho Superior de Agricultura reuniu ontem, foi de parecer que seja permitida a importação de trigo exótico em quantidade igual à do último ano, cancelando, deduzindo-se no entanto, as quantidades já importadas pelo governo e pela moagem.

Instrução

Tendo sido reconhecida a impossibilidade, por falta de verba, de dar cumprimento às disposições do decreto n.º 4095 de 14 de Julho de 1918, que manda estabelecer junto dos liceus de Lisboa, Porto e Coimbra clinics especiais de oftalmologia, oto-rino-laringologia e estomatologia, e sendo muito avariado o número de crianças das escolas primárias e secundárias oficiais que sofrem dos dentes e da boca, a Inspeção Geral de Sanidade Escolar tem quasi concluído um projecto de serviço estomatológico a montar em Lisboa, para uso dos alunos que os médicos recrutarem nas escolas a seu cargo e por eles forem mandados observar gratuitamente.

O desarmamento

Declarações de Tchitcherine

BUCAREST, 23.—O jornal *Lupta* comunica que Tchitcherine está em negociações com o chefe da Secção Oriental do Ministério de Negócios Estrangeiros alemão, Tchitcherine declarou que tem a intenção de abordar em Lausanne a questão do desarmamento, pon-do-a em relação directa com a Bessarábia, porque não se poderá tratar do desarmamento russo contra a Roménia sem que a Bessarábia seja devolvida à Rússia.—Rádio.

MUSICA

Concertos no Politeama

Poucas vezes se terá dito, com tanta propriedade, que é esplêndido o programa do concerto da Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernandes Fão, a realizar-se hoje no Politeama. Desde o *Carnaval Romano*, de Berlioz, à abertura da *Rienzi*, de Wagner, é uma sucessão de obras primas, em que avultam a *Valsa Triste*, de Sibelius, o *Aprendiz de Feiticeiro*, de Dukas e as *Danças Norueguesas*, de Grieg. Mas ainda há para notar uma primeira audição da *Barcarola*, de D. Julia Fonseca Pereira e o *Concerto*, op. 6, de Sinding em que se apresenta o célebre pianista norueguês Birger Hammer, «clou» deste brilhante festa parte. Por tudo isto, é de esperar não cheguem os bilhetes.

Concertos Blanch

Damos em seguida o esplêndido programa do 5.º concerto de assinatura da grande orquestra sinfónica portuguesa sob a regência do notável maestro Pedro Blanch. 1.ª parte, I.º «Euryanthos», «ouvertures», Weber; II.º «Le Rouet d'Ophale», poema sinfónico, Saint-Saens; III.º «Principe Igor», «Danças guerreiras», Borodini. 2.ª parte, IV.º «Concerto em ré menor» (1.ª audição), Vivaldi, orquestração de A. Siloti, a) «Maestros, Moderato»; b) «Largo»; c) «Allegro»; 3.ª parte, V.º «Leonore», «ouverture» n.º 3, Beethoven; VI.º «Marcha Militar», Schubert.

Para as crianças dos hospitais

Pela sr.ª D. Hermengarda Amélia Freire Correia, foi oferecida à direcção geral dos Hospitais Cíveis de Lisboa, uma porção de barretes de malha, a fim de serem distribuídos pelas crianças internadas nos Hospitais Cíveis.

TEATRO FOZ

Telef. N. 4354

COMPANHIA Beatriz de Almeida—Jaime Zenóbio da qual faz parte

Nascimento Fernandes

HOJE — HOJE

repete-se a espirota comédia farça

O arroz doce

LISBOA NA RUA

Explosão duma bomba

Ontem pelas 19,30 rebentou uma bomba no 1.º andar do prédio da rua de S. Paulo, 55, onde se encontra instalado o Consulado Italiano, ocasionando apenas estragos na escada, paredes e no teto.

Compareceu o pessoal de bombeiros não sendo utilizados os seus serviços.

Uma carteira

Encontra-se na administração de A Batalha, uma carteira de senhora, encontrada na rua de S. Paulo, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

Queda a bordo

No banco do Hospital de S. José, recebeu ontem curativo António da Silva, de 21 anos, natural de Tondela, marítimo, e residente na travessa do Meior, 20, loja, que caiu a bordo dum vapor fundeado no Tejo, ficando contuso pelo corpo.

Quedas

Na enfermaria de Santo António do Hospital de S. José, deu ontem entrada José Ferreira Branco, de 51 anos, ta-noeiro, natural de Ovar, residente em Almada, na rua Augusto Maria da Silveira, que caiu na rua do Campo em Almada, ficando muito contuso pelo corpo.

Na enfermaria Infantil do Hospital Estefânia, deu ontem entrada Bernardino Vitor, de 5 anos, filho de Ricardo da Fonseca e de Lúcia da Fonseca, natural de Lisboa, e residente na rua José Estêvão, 44, 4.º, que caiu pela escada da residência, ficando ferido na cabeça.

Atropelado por uma moto

No Banco do Hospital de S. José, recebeu ontem curativo Manuel Fernandes, de 38 anos, natural de Góis, moço de fretes, residente na Calçada do Meirinho de Deus, 27, 2.º, que na rua da Infância foi atropelado por uma moto, ficando ferido na cabeça.

Autópsia

No Instituto de Medicina Legal foi ontem autópsia Valentim Frederico Silveira Machado, aquele oficial da Marinha Mercante que antecorreu se suicidou. Após este acto foi o cadáver transportado para a sua residência, na Avenida Conde Valbom, 33, 4.º, devendo o funeral efectuar-se hoje, para o cemitério Oriental.

Agremiações políticas

Grupo Solidariedade Comunista.—A comissão administrativa constata, com suprema alegria, a forma como a respectiva solidariedade é compreendida por todos os comunistas conscientes. Actualmente encontra-se preso um camarada que recebe semanalmente a cota de solidariedade que lhe é devida.

Na próxima semana deve reunir-se a assembleia geral ordinária para a nomeação da nova comissão, apresentando a actual um trabalho para a constituição da Caixa Nacional de Solidariedade Comunista.

SOCIEDADE DE RECREIO

Sociedade Recreio Operário.—Hoje, grande baile à inglesa, e grande quadrilha marcada pelo sr. Carlos M. Gonçalves. Amanhã não há baile nesta colectividade.

Concentração Musical de 24 de Agosto.—Das 18 às 21, concerto na sede, pela banda da Sociedade Musical «União Chelense», havendo em seguida baile.

PELAS COLÓNIAS

Agentes de curador em Moçambique

Foi determinado que de futuro sejam considerados agentes de Curador na província de Moçambique, os sub-tendentes dos Negócios Indígenas e de Emigração os administradores de concelho, os administradores das circunscrições e os fiscais dos Prazeres.

Nova delegação aduaneira

Junto à fábrica de açúcar na margem esquerda do Zambeze, foi criada uma delegação aduaneira, que ficará subordinada directamente à alfândega do Chinde.

Isenção de imposto de farolagem

Foi determinado que sejam isentos do pagamento do imposto de farolagem e balizagem nas alfândegas, delegações e postos aduaneiros da província de Moçambique os produtos industriais ou agrícolas e os artigos nacionalizados que circulem entre portos ou baías da mesma província, quando transportados em embarcações nacionais à vela de construção indígena.

Ultimas notícias

Na Rússia

O Estado comerciante

BERLIM, 23.—O partido comunista russo resolveu que todo o comércio com o estrangeiro da Rússia, seja feito exclusivamente pelo Estado.

O governo dos «Soviets» ordenou que no dia 19 de Fevereiro se faça o recenseamento de toda a população russa.—Rádio.

Os estatutos dos Estrelitos

Os russos não assinam

BERLIM, 23.—Espera-se que será hoje assinado o estatuto dos Estrelitos pelos delegados das nações interessadas, à excepção dos russos.—Rádio.

CONFERENCIA DE LAUSANNE

A questão dos estreitos continua preocupando os aliados

LONDRES, 23.—Comentando a obra da conferência de Lausanne, o *Times* nota que se obteve um grande progresso nessa conferência, mas acrescenta que não é de modo nenhum completo. Acrescenta que se obteve um acordo na importância, questão dos estreitos, ainda que houve um momento durante a semana em que houve perigo de ruptura neste ponto, até na questão do tratamento das minorias. Este acordo tem ainda de ser trabalhado em detalhe e as informações de ontem mostram que os turcos estão ainda dispostos a mostrar um ar de arrogância em questões de somenos importância. Tais sucessos são talvez inevitáveis. Não é suficiente convencer os turcos. Eles por seu turno tem de convencer a Assembleia de Angora. Esta assembleia é sensível, particularmente nestas questões de detalhe, como serviço militar dos cristãos e enquanto os russos apenas conseguem alguma coisa com as suas ineptas pret

CRÔNICA DO PORTO

A questão do inquieto

Em nome da justiça comprada... rua com os móveis, as crianças e os inválidos... para glória do ressurgimento religioso e capricho dos senhores

Também por cá, como em todo o país, há uma momentosa questão de inquieto, agravada pelo rancor sistêmico que o regulamento da nova lei e os seus conflitos originaram no coração empedernido dos avaros senhores.

Segundo todas as visões macabras, a ofensiva no princípio do ano vai ser indecorosa e tremenda. Já se podem todos os recursos, já se movem todas as influências, já se definem todos os subornos possíveis e imaginários.

Os proprietários na sua grande maioria, estão na disposição inabalável de não fazerem caso da lei e obrigarem os juizes, escrivães e oficiais de diligências a enfiarem-se num prolongado serão para forjarem as competências e atribuições de despejo.

Lançam-se os olhos para as criaturas que não de testemunhar, pelo processo das corrupções, a entrega de falsamente formulados, esboçam-se projectos de obras a fim do inquieto ter de retirar-se e o cubículo, a toca, o subterrâneo, passaram para segundas mãos por alguns de quantos orientais; arquieta-se a genial ideia de se atirar com um muro, uma parede ou um telhado a terra, de modo a que o morador se veja impellido a bater em retirada.

As prevenções e as notas, escritas ou verbais, já caíram, como um fulminante raio, nos lares dos inquietos. Não há remédio, reponteadas, apelos. Seja boa ou má a casa, more-se num primeiro andar ou no estercunho de uma

ilha—tem-se de pagar o triplo, o quadruplo, o quintuplo... A miséria dos senhores, determinada pelos pesadíssimos encargos tributados pelo Estado, assim, o aconselham; a feliçidade, os rendimentos de um triste salário, auferido nas apertadas de um trabalho insano e mal reparado, assim o permitem.

Está frio, chove, há tempestade? Não importa: a morte da justiça comprada, do direito torcido e da lei enxovalhada—rua com os móveis, as crianças e os inválidos, para glória do ressurgimento religioso e capricho dos senhores e república reacionária.

Uma grande parte do público, que está prestes a ser assediado por nova e abominável extorsão, tem, na verdade, esfolhado os artigos da lei do inquieto, na intenção de opor uma resistência às rapacidades e violências dos miseráveis dos senhores. A Batalha tem influido neste interesse e decisão pública. A Batalha, pois, para os senhores agioteiros é um espantalho temível que os atemoriza.

A Fraternal dos Inquietos desta cidade não desistiu ainda da sua campanha contra os donos dos edifícios, apelações ou a escaqueirarem-se, e do seu comício projectado para orientar as vítimas sobre os seus direitos e aterra do caminho, da tática que devem seguir no ataque aos feudalistas das habitações. Portanto, a Fraternal dos Inquietos representa, para os torvos de-

mentores dos cochichos das párias perseguidas, um espectro intolerável que não deixa tranquilos na sua pirataria bestial.

A União dos Sindicatos Operários local foi solicitada por aquele organismo para que, entre o operariado, fizesse a máxima propaganda pró-importância do comício, fornecendo-lhe também oradores na ocasião oportuna.

A U. S. O., atendendo-o, ficou sendo uma fantasma que atormenta as almas corroidas de remorsos, tam odiada quanto é certo que ela não se deve limitar àquela simples adesão, mas trabalhar num movimento, de sua iniciativa e sob sua inspiração contra as futuras ratorneirices e sofismas dos senhores usurários.

Por fim: a Caixa Geral dos Depósitos, que promete ter uma desusada actividade para o princípio do ano, é uma triste recordação para os proprietários, apesar de muitas vezes ser apagada pela ensebada esponja das notas milicianas, com que se conspurcam os integros caracteres e se faz inclinar a magistral balança da justiça para a carolice dos srs. proprietários.

Veremos como sairá a refrega que, a nosso ver, atenta a pusillanidade da mor parte deste povo indolente, deve sair mais vitoriosa para os rapaces especuladores do que para os espoliados, dos que fenece sem pão, ar, nem luz.

21 de Dezembro.

C. V. S.

A BATALHA na provincia e nos arredores

PAVIA 19 DE DEZEMBRO

No trabalho da azeitona

Os trabalhadores rurais desta localidade que foram admitidos para o trabalho da azeitona, reclamaram as horas de descanso a que têm direito; porém alguns lavradores não querem dar-se uma hora por dia, e assim temido para o serviço os amarelos.

Como vários operários organizados fossem trabalhar para lavradores que atenderam as reclamações, quando estavam na hora do almoço apareceu uma escolta da guarda republicana, na companhia dum burguesete, fazendo levantar do trabalho os camareiros Joaquim José Murteira, José Benedito e Jaime Maria, decerto por serem operários organizados, levando-os no meio da força, o que causou indignação na parte de indivíduos da classe burguesa.

E' desta forma que procedem os lavradores cá do burgo, perseguindo os trabalhadores.

Falta de luz

Parce que os donos desta localidade fizeram um contrato com a lua para a iluminação pública. Mas os resultados tem sido nulos porque... a lua não aparece e até por fatalidade as noites tem estado bastante invernosas.

Luz aqui, só existe um farol à porta do posto da guarda republicana; de resto é impossível sair-se à noite, de contrário sujeitamos-nos a andar aos encontros uns aos outros.

CABEÇÓ DE VIDE 22 DE DEZEMBRO

Manobras da burguesia contra os trabalhadores

Há nesta localidade uma herdade que tem aproximadamente 300 hectares e que está povoada de oliveiras. Devido ao vendaval, caiu parte da azeitona, que

é comida pelo gado suíno e lanigero, em vez de ser aproveitada para o alimento do público, inutilizando-se também grande quantidade em charnecas por não se cavar o mato debaixo das oliveiras.

Os culpados deste estado de coisas são os proprietários só para não darem trabalho aos rurais, alirando-os assim para a miséria, e depois vem afirmar que há falta de braços!

São as dezenas de decalitros de azeite que se inutilizam pelos campos, quando era uma fonte de riqueza para o país, pois se fossem aproveitados contribuiriam bastante para a baixa de preço da azeite gineiro de primeira necessidade.

E' uma vingança infame dos lavradores que não se pode tolerar. E nestas condições e para evitar que a fome se alastre mais, tem de se tomar uma resolução enérgica: ou os lavradores aproveitam convenientemente os generos, ou nós, os trabalhadores rurais, seremos forçados a lançar mão da produção para garantir a todos o direito a viver.

Haverá criaturas que não acreditam nas afirmações que fazemos. Pois bem: convidamos as autoridades superiores a mandar aqui pessoas de confiança que nós lhes mostraremos provas evidentes do que dizemos, visto as autoridades locais não se preocuparem com as necessidades do público.

Os lavradores estão brincando com a miséria dos trabalhadores e provocando a falta de produção. E' necessário que entrem na ordem porque o povo não pode estar à mercê destes vampiros que nos matam lentamente a fome.

E para evitar futuras patifarias desta natureza, devem os trabalhadores prepararem-se convenientemente para impedirem os seus direitos.

TRABALHADORES: LEDE "A BATALHA"

CALENDÁRIO DE DEZEMBRO

S.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL
S.	2	9	16	23	30	Aparece às 7,52
D.	3	10	17	24	31	Desaparece às 17,20
S.	4	11	18	25		
T.	5	12	19	26		
Q.	6	13	20	27		
Q.	7	14	21	28		

MARÉS DE HOJE
Praiamar às 6,40 e às 19,02
Baixamar às 0,00 e às 12,10

CAMBIOS

Países	Moe- das	Do par	Ontem
Alemanha	Marcos	833	5,73
Áustria	Coronas	813,1	—
Belgica	Francos	817,8	14,46
Espanha	Pesetas	817,8	34,03
E. U. A.	Dólares	82,4	18,670
Francia	Francos	817,8	14,47
Holanda	Florins	857,0	7,858
Inglaterra	Livras	483	93,630
Italia	Liras	817,8	4,68
Suica	Francos	817,8	5,733

JANEIRO

Meduana, portos do Brasil e Argentina

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

AQUÁRIO VASCO DA GAMA, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

ARQUEOLOGICO — Largo do Carmo, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

ARTILHARIA — Largo do Museu de Artilharia, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA — Rua do Arco a Jesus, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

COLONIAL E ETNOGRÁFICO — Rua Eugénio dos Santos, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

ETNOLOGICO PORTUGUES — Edifício dos Jerónimos, Belem, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

GEOLOGICO — Rua do Arco a Jesus, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente.

JOSE VICENTE BARBOSA DO BOCAL — Escola Politécnica, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

NACIONAL AGRICOLA — Tapada da Ajuda.

MISERICORDIA — Largo de Trindade Coelho, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

NACIONAL DE ARTE ANTIGA — Rua das Janicas Verdes, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

NACIONAL DE COCHES — Praça Alameda de Albuquerque, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

NACIONAL DE MARINHA, — Largo do Chafariz, —

Tudo os dias das 10 às 12 e das 14 às 16.

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Ver esta secção na 4.ª página

Teatros

POLITEAMA MAMÃ COLIBRI de HENRI BATAILLE

Como todas as peças de Bataille, Mamã Colibri é uma interessante página literária, leve, delicada, traçada com sentimento, como o assunto pede. Bataille é um autor feliz, porque o seu teatro não tem encontrado oposições rancorosas, e as temas que apresenta caem bem nas plateias, onde a frequência elegante é uma grande maioria e onde se cura mais do rendimento das palavras do que do saneamento das almas. E' bem o teatro francês com todas as suas trivialidades, incapaz de criar e contentar-se para manter o que está dito há muitos séculos e o que não constitui já uma aberração, porque são copiosas as cenas domésticas que alguns centros de mundanismo aceitam como coisa corrente, mas a que o teatro vai servindo de veículo, porque a arte dramática da maioria dos escritores é bem mais fácil por de pé o que todos os dias se passa na sociedade, simplesmente a título de descritivo, do que fazer a descrição do bem e do mal, expressa, ou na condenação imediata, ou na preparação do ambiente aqueles que singelamente sabem julgar a luz do melhor raciocínio.

E a precipitação de apresentar factos, desencadeando situações, conduz tantas vezes a anacronismos indesculpáveis que, sacrificando a lógica, implica frequentemente a confusão para quem de ânimo seguro, se preocupa menos com efeitos do que com elevação moral, do tema. E' assim o bom senso no autor, que rompe sem dar por isso a cautela como que, para conciliar o agrado do público, encara a questão no seu aspecto menos escabroso, mas de que fatalmente tem de se desviar, porque a independência do autor dramático na sua grande parte dificilmente se liberta dos laços que o prendem à sociedade em que vive e de que recebe a influência, paralelamente com a necessidade que sente em não hostilizar o público a quem namora constantemente para quem receba bem os seus trabalhos, não sendo natural e tornando-se até perigoso, que vá tocar em pontos vulneráveis, do dramaturgo sabe muito bem, descobri-la facilmente entre os que vão assistir à representação.

O resultado pode ser funesto porque no teatro o desagrado manifesta-se precisamente no local onde a sua obra se revela e neste aspecto estão de melhor partido os romancistas a quem, apesar da contumácia da crítica escrita,

pouco se lhe dá que o leitor no remanso do seu gabinete ou na conversa de todos os dias se lhe refira menos lisonjeiramente.

Mamã Colibri dá-nos a sugestão de que Bataille foge de concretizar a sua opinião pessoal num campo definitivo de apreciação daquele violento episódio amoroso que se desenrola numa simulação da impetuosidade da paixão, onde o próprio se acolhe por fim, com tam fracas mostras de arrependimento que, mais por orgulho do que por pejo, se escapa até, a aproximar-se do principal alveado pelo seu desvario. Henri Bataille denuncia porventura, no último acto, (deve confessar-se) o seu pensamento oculto, quando magistralmente traça como lição a seu filho a atitude do esposo atraído e arranca a sua boca, apreciações muito para ponderar, sobre a organização moral das mulheres.

A cena entre o filho e o pai é talvez o que a peça tem de melhor, não havendo dúvida alguma sobre a beleza desse diálogo e que que só pode comparat-se com o do segundo acto entre os dois irmãos, em que as mesmas palavras e os olhares completam o que seria doloroso dizer claramente.

A nossa opinião não tem o fito de considerar a Mamã Colibri uma obra, e o que a seu respeito discordamos tem um alcance de ordem geral que visa somente ao objectivo de neutralizar tanto quanto possível este carácter dubio que se nota em tantas peças e que impede que elas, em vez de serem um motivo de educação se tornem numa complicada exposição em que o raciocínio se vê embaraçado de tirar ilações exactas!

A peça é uma bela obra literária valorizada por uma excelente tradução de José Sarmiento.

O desempenho muito igual. Palmira Bastos foi sentidamente apaixonada nos primeiros actos e marcou muitíssimo bem no terceiro a desesperação que a sua idade no declínio lhe traz com o desengano da existência que leva, amargurada pela desproporção que há entre os seus anos e os do seu amante, tão novo como ela quando contrahiu casamento com um homem de muito mais idade. Singular pena de falha!

Evita-se, pois que ele se dirija para cá; teve imediatamente de tratar do caso.

—Sou eu, Ragu, queria perguntar-lhe uma coisa, e como sabia que estava aí...

Ele permanecia tam estupefacto de ver dar-se a aquele incomodo, que continuava a olhar-lhe de boca aberta. Só então, ela mesma sentiu a inexplicável inconveniência das suas passadas, e não se inquietou mais, não se demorou a querer desculpa-las, foi direito ao fim.

—Deseja saber se dava licença que sua mulher viesse trabalhar em minha casa alguns dias. Tenho necessidade de alguém, pensei nela.

Para logo o Ragu esqueceu o estranho de semelhante visita. Uma onda de cólera cega fez-lhe latir sobre o sangue no crânio.

—Minha mulher! quer minha mulher? Ah! com um raio tome-a já e fique-se com ela. Que a leve o diabo!

Era esta violência que Fernanda esperava. Fingiu surpresa, piedade, desolação interminável.

—Então isso não vai melhor já por sua casa? Em julgava que você me daria uma perdoação, que as coisas se arranjassem, aguardando o nascimento do pobre pequinês.

—Perdoar o quê? gritou o Ragu, aquela nova chicotada com que Fernanda o fugitava em plena ferida do seu ciúme. Perdoar o filho que a safada se deu a fazer? a pécora teria o prazer ao passo que eu para aqui andaria a dar cabo do canastrão!

Robles Monteiro regularmente no primeiro acto, bem no segundo e muito melhor no quarto. Teodoro Santos andou com bellissima intenção em toda a scena do quarto com seu filho, a que já nos referimos.

Raul de Carvalho correctamente, embora em algumas passagens um pouco frio para o amor que o dominava e para a idade que o torna aventureiro.

Estes Leão dizendo sem precipitações, deu um bom relevo ao seu papel, no último acto como esposa e no primeiro como solteira prestes a casar-se.

Os outros artistas, entre os quais havia um estreante, Mário Eloi, muito regularmente, parecendo-nos que este último tem qualidades para os papéis em que se exija fina apresentação e tenra mocidade.

Os interiores a cargo da «Antiquaria de Portugal» de bom gosto.

Nogueira de BRITO

Noticias

E' na próxima terça-feira, 26, que sobe a scena, no Nacional, em 3.ª, recita de assinatura, a peça dos Irmãos Quinteiro, O mundo é tam pequeno... tradução de João Scler, encenação de Augusto de Melo e cenários de Campos & Oliveira, com os seus papéis interpretados pelos artistas: Joaquim Costa, Rafael Marques, Luis Pinto, Joaquim de Oliveira, Augusta Cordeiro, Albertina de Oliveira, Laura Hirsch, Jesuina Moll, Ana de Oliveira e Maria do Pilar.

No terreno onde esteve o teatro do Gimnasio, já foi colocado o tapume, tendo-se dado começo aos trabalhos da reconstrução do edificio, o qual deve estar completa em outubro próximo.

Reclames

Ninguém de bom gosto deve ter deixado de acompanhar, noite a noite, no elegante Salão Olympia, as exhibições do extraordinário film O Vingador de tam impressionantes e extraordinárias aventuras.

Os seus episódios são-se mantendo em pleno êxito e no entanto a empresa já ontem deu duas novas estreias, que são duas belas obras de arte.

—O Arroz Doce, a peça que bate o record das encheites e que, no teatro Foz se mantem gloriosamente, constitue uma vez mais o espectáculo desta noite naquele teatro, sendo certo a empresa contar com uma casa à chubna.

—Hoje realizam-se no Coliseu dos Recreios dois magníficos e sensacionais espectáculos, em matine e á noite, nos quais tomam parte todos os artistas da grande companhia de circo que excecuto os seus melhores e mais variados trabalhos. Durante a quadra festiva que vamos atravessar, os espectáculos do Coliseu são os que reñem mais atracti-

vos, os que têm maior alegria, os que mais agradam a adultos e crianças e, sobretudo, os mais económicos. Com todos estes requisitos não é para admirar a preferência que o público dá sempre ao Coliseu. Amanhã grandiosa matine do Natal.

—Hoje e amanhã vai o Nacional ter duas belas noites de alegria e de arte, com as últimas representações, definitivamente, da encantadora peça de Oscar Wilde, tradução de João Dantas, O Leque de Lady Margarida, que sai de successo, apesar de tudo, em pleno successo.

—Amanhã, dia de Natal, realiza-se no Coliseu dos Recreios uma grandiosa matine, sendo oferecidos às crianças, cuja entrada é gratuita até aos 10 anos de idade, artisticos sacos com bombons, dadas obsequios da Fábrica Suissa.

—Hoje, domingo, repete-se mais uma vez no S. Luis a encantadora opereta portuguesa Milagre de Aldeia, que continua a sua carreira triunfal, atraindo aí todas as noites uma enorme concorrência. A opereta Milagre de Aldeia, cuja partitura e entredo tem o condão de prender a atenção de todos aqueles que a ouvem. Esta noite, estaremos certos, o teatro de S. Luis será pequeno para conter todos os verdadeiros amadores de bons espectáculos.

—Deve provocar uma verdadeira enchente, hoje, no Politeama, a encantadora peça Mamã Colibri, cujo êxito constitui um dos mais notáveis triunfos da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

—Para festejar a véspera do Natal, não há melhor espectáculo do que o do Apolo, com a linda revista de Schwabach, O Ovo de Colombo, peça comendável, sob todos os pontos de vista.

O Ovo de Colombo é uma peça de grandioso aparato, com vários números duma grande alegria e com uma inspirada música. Tudo isto concorre para que seja, no conjunto, um magnífico espectáculo o do Apolo.

—No teatro Gil Vicente, á Graça, sobe a scena, hoje e amanhã a opereta em 2 actos Ramo de rosas e um acto de Cabaret.

—Sem dúvida, sua mulher foi levianal e já tá namov, tam linda, é tam natural naquella idade amar o prazer, ceder aos fidalgos que a requestam!

Ele fechou os olhos, ante a ardente visão que Fernanda evocava, desviando, risonhando surdamente:

—Os fidalgos para a requestarem eu lhes darei. E quer a senhora que eu perdoe, que eu sustente o bastardo, de que ela está prenhe, como uma imunda chachorra que é?

Então Fernanda affectou um vivo espanto, despejou tudo, com um ar de perfeita inocência.

—Mas a mim tiham-me dito... Eu julgava essa questão de filho regulada. Pois não deve o pai tomar conta d'êlle e acudir a todas as suas necessidades?

—Que está a dizer?

—Sim, o patrão da Crêcherie, êsse senhor Lucas, finalmente, o pai!

—Como o pai?

O Ragu, estúpido, sem compreender, tihna-se aproximado, estendia a sua face em suor, ardente, até perto desse rosto delicado de mulher, dessa boca fresca de onde saíam coisas tam estranhas.

—Realmente, isto não é verdade? você mece não sabe nada? Oh! meu Deus! que pesar o meu de ter falado de mais! Tiham-me dito que você mece chegara a acordo com o tal senhor Lucas, e que ficaria com a mulher com a condição de que elle tomaria conta do filho, já que foi elle quem o fez...

Um tremor agitou o Ragu, os olhos

Os melhores brindes para o Natal e Ano Bom, são as luxuosas cartona-gens com bonbons da

S I C

Distribuição de legados

Na Misericórdia de Lisboa recebem-se já os requerimentos para as esmolas de 9 de Janeiro, sendo as do legado de D. Ensebá Felicidade da Silva No-

bre, de 450, a chefes de família cegos ou parafíticos, preferindo os que tiverem filhos menores, das Irmandades de Encarnação, Restauradores e Camões; e as do legado de Manuel António No-

bre, de 2825, a pobres das freguezias de Encarnação e Camões, preferindo cegos e viúvas com filhos até 8 anos.

